

## OS MULTILETRAMENTOS E OS GÊNEROS DIGITAIS NA AULA DE PORTUGUÊS

Thais Nascimento Santana Santos; Elizabeth Pedrosa da Silva; Crizeide Miranda Freire

*Universidade do Estado da Bahia-UNEB/ Universidade Federal da Bahia-UFBA  
thainascimento@yahoo.com.br; Secretaria de Educação de Pernambuco- SEDUC/PE  
elizabethpedrosa2010@hotmail.com; Universidade do Estado da Bahia-UNEB crizfreire@hotmail.com*

### 1. Percepções iniciais

Estamos vivendo um momento de mudanças políticas que redirecionam o cenário educacional, atingindo, conseqüentemente, os professores. Quando falamos em formação de professores, é preciso entender esta atuação no campo teórico e prático, como um exercício coletivo de valorização do trabalho em equipe e aquisição de uma cultura profissional. Este caminho pelo qual circula o profissional em educação deve ser, também, lugar de responsabilidade social, de atenção às dimensões pessoais, de percepção do outro, do mais experiente, como colaborador na formação dos mais jovens, centrando todos nos processos de ensino e aprendizagem como elemento do fazer pedagógico.

No caso específico da formação de professores de Língua Portuguesa, temos discutido os encaminhamentos para um ensino mais direcionado ao que o aluno lê e produz fora da escola, tornando esse momento mais real e/ou menos fictício. Assim, os gêneros discursivos no âmbito do ensino de língua têm sido um dos temas mais recorrentes das últimas décadas no Brasil, sendo uma resposta aos incentivos dados pelas pesquisas e publicações acadêmico-científicas e pela propagação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), como prescrições oficiais, ambos versando numa mesma perspectiva didática.

Como a cada época as necessidades de mudança se evidenciam em função da evolução da sociedade, incidindo também no uso da linguagem, atualmente há uma demanda de uso das tecnologias digitais em sala de aula. Essa evolução da sociedade, para Coll e Monereo (2010) – Sociedade da Informação (SI) – tem requerido das instituições e dos profissionais da educação uma contrapartida ou até adesão para que através de seus trabalhos sejam dadas as possibilidades de avanço no sentido de uso das tecnologias digitais na escola.

Assim, apresentaremos algumas reflexões feitas a partir de um levantamento teórico que embasa uma análise posterior de dados, os quais serão coletados/gerados no *locus* do trabalho

docente em tempo oportuno<sup>1</sup>. E considerando essa proposta discutiremos sobre formação docente, a tecnologia e a cultura digital na escola e os multiletramentos através do ensino de linguagens no ambiente escolar, os quais se valem, muitas vezes, de gêneros próprios do ambiente digital já que são através deles que os alunos legitimam suas interações, dentro de seus grupos de relações sociais no momento atual dessa Sociedade da Informação.

## **2. A respeito da formação docente**

Apesar de termos tantas discussões em torno da educação, e por sua vez, da formação docente, percebemos que há sempre o que contribuir em relação a conceitos e propostas, pois as incertezas continuam e a necessidade de mudanças efetivas e possíveis são necessárias. Pensar nessas mudanças é refletir sobre a nossa atuação como professores, do que esperamos de nós mesmos e do outro, e do que é ofertado para que evidenciemos propostas educativas que fortaleçam o profissional e o legitime no seu métier.

É preciso, nesse contexto, repensar o ser docente que, segundo Nóvoa (2010), o professor da atualidade deve ser definido a partir de cinco disposições essenciais que direcionam propostas para a formação de professores: o conhecimento, a cultura profissional, o tato pedagógico, o trabalho em equipe e o compromisso social. Em consonância com esta vertente, Tardif (2002) afirma que para dar conta dos objetivos traçados, o professor precisa de saberes plurais, formado pelos saberes das disciplinas, os curriculares, os da formação profissional e os saberes da experiência. Com este olhar não se reduz a profissão docente a um conjunto de competências e técnicas, promovendo uma crise identitária em função do rompimento entre o profissional e o pessoal. Se amplia a visão que é preciso ter para com a formação integral do docente em relação às suas funções e ao que ele mesmo vai propor à sua auto formação diante das inovações necessárias para pensar o ensino e a aprendizagem.

Nesta perspectiva, não é aceitável conceber o professor apenas como um técnico, numa atividade instrumentalizada no qual o conhecimento teórico perpassa sobre níveis hierárquicos e se sobrepõe a qualquer outro. É necessário proporcionar ao professor na formação inicial e continuada, o desenvolvimento de sua competência para ensinar, bem como um conhecimento que o leve a compreender a importância da atualização permanente mediante as mudanças constantes.

---

<sup>1</sup> A coleta/geração de dados relativos às práticas de sala de aula de aula se dará na próxima etapa da pesquisa a qual está ligada ao Grupo de Pesquisa Cultura Visual, Educação e Linguagens.

É nessa perspectiva que acreditamos a formação docente viável para que seja na formação inicial, seja na continuada, ele possa se valer de conhecimentos que o ajudem a construir propostas de ensino cuja discussão tem perpassado pelas vias tecnológicas e multiletradas.

### **3. Tecnologias, cultura digital e (multi)letramentos a caminho da escola**

Para Coll e Monereo (2010) “O impacto das TIC na educação é, na verdade, um aspecto particular de um fenômeno muito mais amplo, relacionado com o papel dessas tecnologias na sociedade atual” (p. 15). Acreditamos que esse pensamento esteja localizado na mesma direção do que tem se percebido nos usos tecnológicos da sociedade vigente, pois antes de a escola pensar a tecnologia, essa já se difunde com bastante força fora dela.

Essa Sociedade da Informação (SI), para os mesmos autores, se configuram de maneira diferente de outras épocas. Comportamentos são modificados de acordo com o uso e as possibilidades dessas tecnologias digitais, o que nos cabe pensar que o uso delas possibilita que as pessoas em seus trabalhos, estudos, relações, não se obriguem a estarem fisicamente presentes, ou seja, face a face, para manter seus vínculos e suas produções.

Assim, percebemos que cada geração tem se dedicado a estabelecer conexão com “seu mundo” e a usufruir o que ele lhe oferece. Por isso, ao enveredar na discussão de propostas de ensino e aprendizagem de língua no campo digital precisamos entender a relação das mudanças de uma cultura para outra dentro da sociedade.

Há algum tempo, pouco mais de duas décadas, víamos, com muito espanto, a transformação de uma cultura midiática, advinda da cultura de massas, para uma cultura digital, na qual essa é, nos dias de hoje, fenomenalmente predominante. Estamos, ainda que seja midiática e digital, numa cultura da mobilidade (SANTAELLA, 2007).

Tudo isso parece e é muito complexo, embora evidente, porém, além de assinalar essas mudanças, podemos concordar com Santaella (2007) que existe outra ordem que é a da mistura dessas culturas. Nas palavras da autora, “todas as formas de cultura, desde a cultura oral até a cibercultura hoje coexistem, convivem e sincronizam-se na constituição de uma trama cultural hipercomplexa e híbrida” (p. 128). Portanto, ainda segundo a Santaella, não é apenas uma mudança, mas uma reconfiguração cultural que ao invés de apenas mudar de uma lógica para outra, existe hoje, um “caldeirão de misturas” culturais sendo evidenciadas na sociedade. Essa é uma característica típica da pós-modernidade.

Acreditamos que haja uma relação direta entre as interações, o uso da linguagem, com as culturas que se constituem na sociedade. Essa relação muito nos interessa, pois é localizando o meio e aspectos culturais, seja ela, das massas, midiática, digital, da mobilidade, ou várias ao mesmo tempo, que entenderemos como alunos e professores estão inseridos e se reconhecendo nesses meios multissemióticos de produção da linguagem.

Cabe aqui, visto que estamos falando em tecnologias e tecnologias digitais pontuar essas definições. Assim, por tecnologia entendemos, a partir de Santaella (2007) que

[...] Enquanto técnica é um saber fazer, cuja natureza intelectual se caracteriza por habilidades que são introjetadas por um indivíduo, a tecnologia, como um conhecimento acerca da própria técnica, avança além desta. Portanto, há tecnologia onde quer que um dispositivo, aparelho ou máquina seja capaz de encarnar, fora do corpo humano, um saber técnico, um conhecimento científico acerca de habilidades técnicas específicas.

Essa terminologia e seu conceito se relacionam com nosso trabalho, quando concebemos a tecnologia, como um saber fazer além da técnica, e ainda mais, de maneira específica quando se constitui como tecnologia digital.

O digital se configura em, ao invés de apenas emitir ondas sonoras como no processo analógico, varia e evolui no tempo, de maneira contínua e consiste em “dividir a grandeza em pequenas frações” (SANTAELLA, 2007), de acordo com um código binário, ou seja, 0 e 1.

Considerando a inevitável relação da sociedade da informação com a cultura digital – móvel, porque uma existe a partir da outra, podemos pensar como todos os aspectos que circulam em torno dessa temática podem influenciar tanto no ensino quanto na aprendizagem escolar.

Para Coll e Monereo (2010), discutir TICs (ou TDICs) na educação nos remete a três conceitos bastante difundidos na literatura. São eles: adaptabilidade, mobilidade e cooperação. Todos eles decorrentes de um processo de evolução digital compatíveis, inclusive com os novos comportamentos dos sujeitos envolvidos na educação atual.

Esses comportamentos estão relacionados aos costumes que passam a ter os sujeitos quando consideramos a entrada do quesito digital nas discussões sobre ensino de língua e se conectam via usos demonstrando comportamentos e letramentos diferentes em função da imersão nesse mundo digital.

Nestes termos, concordamos com Moita Lopes quando afirma que,

A tela do computador deixa de ser somente um local onde se busca informação e passa a ser principalmente um lugar de construção, de disputa,

de contestação de significados. Ou seja, passa a ser um espaço de encontros múltiplos com outros atores sociais, aumentando e transformando nossos repertórios de sentidos infinitamente [...] (MOITA LOPES, 2010, p. 398).

A partir dessa premissa inferimos que não podemos entender a tecnologia como mera técnica que determina as ações dos sujeitos sociais ou vice-versa. A tecnologia, como tem se mostrado, modifica e é modificada. E quando o autor afirma que o computador não é mais o lugar apenas de busca de informação e que possibilita ir além, pois é o lugar de “construção, de disputa, de contestação de significados”, isso é entendido como fator determinante para as transformações também dos sujeitos usuários dessa tecnologia digital.

Com isso, as práticas sociais, inclusive de linguagem, se transformam constantemente, abrindo espaço para as invenções e reinvenções dos usos da linguagem nas diversas esferas sócio-comunicativas. Por isso, para Coll e Monereo (2010) necessário se faz que nós tenhamos ou possamos nos alfabetizar digitalmente, ou seja, que nos coloquemos na posição de aprendizes das novas práticas letradas que são exigidas. A isso chamaríamos de letramento digital ao invés de alfabetização, como disseram os autores, por entender este como um processo particular do sujeito aprendiz e tomando letramento como uma atividade social.

Assim, não podemos perder de vista que considerando esses novos usos e os novos textos (digitais) são necessárias novas práticas languageiras e essas reflexões nos levam aos conceitos de letramento, que:

[...] são práticas sociais e culturais que têm sentidos específicos e finalidades específicas dentro de um grupo social, ajudam a manter a coesão e a identidade do grupo, são aprendidas em eventos coletivos de uso da leitura e da escrita, e por isso são diferentes em diferentes contextos sócio-culturais (BUZATO, 2006, p.5).

Considero quase impossível falar de práticas de linguagens e uso de sistemas digitais por alunos e professores sem falar em (multi)letramentos. E o que Buzato traz nesse conceito nos faz pensar que as práticas apesar de específicas estão situadas em um grupo social. Também, Xavier (2005, p.133), ao se referir a letramento digital chama a atenção para a necessidade de que os sujeitos precisam dominar um conjunto de informações e habilidades mentais que devem ser trabalhadas pelas escolas e demais instituições de ensino, ou seja, respeitar suas vivências e aproveitá-las para capacitar os alunos a viverem como agentes dentro de uma sociedade tecnológica.

Portanto, as práticas e usos das linguagens diversas acima citadas, que alimentam o ensino de língua portuguesa acerca do que está sendo feito ou proposto no que concerne aos

meios e gêneros discursivos digitais utilizados pelos alunos, se deve ao fato de que as tecnologias, de maneira formalizada ou não, já fazem parte da escola e a escola delas. E, por isso, nos interessa cada vez mais, pensar sobre a entrada e os reflexos das tecnologias digitais na escola e como se apresentam nas aulas de língua portuguesa tanto nos usos dos alunos como nos usos de professores que são os propositores das aulas e também são usuários da língua e dos meios digitais.

#### **4. Considerações finais**

Essa discussão sobre as tecnologias utilizadas pelos alunos nos remete ao ensino de língua e ao trabalho com os gêneros discursivos e letramentos digitais em sala de aula, também nos permite entender que cresce cada vez mais a inquietação e o interesse em se trabalhar com textos cujos meios sejam digitais. Isso se dá em função de os sujeitos – em especial os alunos – serem usuários dessa linguagem tecnológica, pois estão cotidianamente em contato com esses recursos.

Assim, ler e produzir textos considerando também tais perspectivas sobre letramentos digitais (MOITA LOPES, 2010; BUZATO, 2009) nos leva a pensar que para um ensino de língua situado e atento aos preceitos tecnológicos precisa-se de propostas pedagógicas situadas que visem ao desenvolvimento de capacidades cognitivas, sociais, linguísticas, multimodais e políticas dos aprendizes de língua (ANJOS-SANTOS; GAMERO; GIMENEZ, 2014).

Sendo assim, o primeiro passo seria a construção do perfil dos alunos para os quais se produzirá essas propostas pedagógicas. A partir dos relatos de alunos estagiários do curso de letras que tem ido fazer suas práticas de estágio em escolas públicas, elencamos alguns comportamentos dos jovens em relação às tecnologias de uma cultura da mobilidade como é denominada por Santaella (2007):

- a) Utilizam o smartphone regularmente;
- b) O acesso à internet é diário, por wifi livre, dados ou compartilhamento da rede de dados entre eles;
- c) Os conteúdos de interesse estão geralmente em redes sociais;
- d) Muitos não têm computador em casa nem usam na escola, portanto a tecnologia mais acessível é o smartphone;
- e) A maior parte prefere textos imagéticos, ou com imagens de apoio.

Em contrapartida a esse perfil do usuário conectado às redes sociais e às informações acessíveis de forma mais democrática e rápida através da rede, temos escolas com pouco ou nenhum acesso à internet, portanto laboratórios de informática em desuso, professores com práticas de letramento digital limitadas ou com pouca formação para que suas práticas sejam direcionadas aos usos tecnológicos e multimodais e no caso dos alunos de letras, as ementas dos cursos não contemplam planejamentos de materiais didáticos digitais para as aulas de língua portuguesa.

Considerando as necessidades dos usos e das práticas do letramento digital, dos textos multimodais/ multissemióticos podemos dizer que ainda se privilegia o letramento mais tradicional que é o acadêmico-científico e que os recursos multimodais estão constantemente na sala de aula, porém em materiais impressos e não digitais.

A partir das leituras e observações acerca da formação de professores, de ensino e de aprendizagem de língua devemos dizer que a relação escola e língua estão caminhando em tempos diferentes. Esse desencontro temporal se dá na medida em que a escola caminha com alguns propósitos e lhes faltam condições, sejam materiais, sejam formativos, para temporalizar-se com os alunos. Além disso, à medida que a escola está tentando inserir novas práticas de letramento a partir das demandas sociais, os alunos já usam outras há algum tempo por força dos seus convívios e relações fora da escola.

## 5. Referências

ANJOS-SANTOS, Lucas Moreira dos; GAMERO, Raquel; GIMENEZ, Telma Nunes. *Letramentos digitais, interdisciplinaridade e aprendizagem de língua inglesa por alunos do ensino médio*. In: [Trabalhos em Linguística Aplicada](#). Vol.53, Nº 1, Campinas, Jan./June 2014. Acesso em 30 de maio de 2015 em [www.scielo.br](http://www.scielo.br).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUZATO, M. E. K. (2006). *Letramentos digitais e formação de professores*. In: III Congresso Ibero-Americano EducaRede, 2006, São Paulo. Anais do III Congresso Ibero-Americano Educaredes, São Paulo: CENPEC, pp. 1-7.

COLL, César & Monereo, Carles. *Psicologia da educação virtual [recurso eletrônico]: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação*. Trad. Naila Freitas; revisão técnica Milena da Rosa Silva. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, Acir Mário, GAYDECZKA, Beatriz, BRITO, Karim Siebeneicher (orgs.) *Gêneros textuais, reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola editorial, 2011.

HISSA, Cássio E. V. *Entrenotas: compreensões de pesquisa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

SILVA, K. A.; SANTOS, L. I. S.; JUSTINA, O. D. *Entrevista com Kanavillil Rajagopalan: ponderações sobre linguística aplicada, política linguística e ensino-aprendizagem*. Revista de Letras Norte@mentos – Revista de Estudos Linguísticos e Literários. Edição 08 – Estudos Linguísticos 2011/02. Disponível em: <http://www.alab.org.br/pt/destaque/155-entrevista-com-kanavillil-rajagopalan-ponderacoes-sobre-linguistica-aplicada-politica-linguistica-e-ensino-aprendizagem>. Acessado em 03 de maio de 2015.

SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da modernidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MOITA LOPES, L.P. (2010). *Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero*. Trabalhos em Linguística Aplicada, vol. 49, nº 2, jul/dez, pp. 393-417.

NÓVOA, Antônio. *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Lisboa: Educa, 2010.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.